

O perdão e o amor em “A mulher pecadora perdoada” em Lucas 7,36-50: uma reflexão ético-teológica, feminista e libertadora

*Forgiveness and love in “The sinful woman forgiven”
in Luke 7:36-50:
An ethical-theological, feminist and liberating reflection*

*André Luiz Boccato de Almeida
Patricia Carneiro de Paula*

Resumo

O presente artigo visa analisar o tema em Lucas 7,36-50. Nesta abordagem, destacar-se-á o enfoque hermenêutico feminista e libertador, com o intuito de salientar a importância desta abordagem para a reflexão teológica. Sabe-se que a questão do poder e da autoridade, nas tradições religiosas, sempre se apresentou de um modo a negar a importância da mulher. Na prática de Jesus, a mulher ocupou um lugar de grande importância no seu apostolado. Há que se ler e interpretar estes textos para demonstrar que no cristianismo das origens o papel da mulher era central. Nesta reflexão, pretende-se validar esta impostação mediante um caminho em três momentos. No primeiro, será analisado o texto em Lucas 7,36-50 e, no segundo, buscar-se-á apresentar uma leitura ético-teológica, interpretando o texto a partir de uma visão que foi sendo aceita e se impôs na tradição cristã. Enfim, na terceira, ressaltar-se-á a importância da hermenêutica feminista e libertadora, realçando a centralidade da posição e do papel da mulher no cristianismo das origens. O objetivo é o de propor uma revisão teológica sobre o que significou ser mulher no contexto de Jesus, o seu papel na comunidade chamada a ser discípula e inspirar-se nisso para revisar as relações de poder e autoridade.

Palavras-Chaves: Perdão. Amor. Mulher. Feminismo. Libertação.

Abstract

This article aims to analyze the theme in the passage from Luke 7:36-50. A feminist and liberating hermeneutical approach will be highlighted, emphasizing the importance of this approach for theological reflection. It is known that the issue of power and authority, in religious traditions, has often been presented in ways that deny the importance of women. In the practice of Jesus, women occupied a place of great importance in his apostolate. It is necessary to read and interpret these texts to demonstrate that in early Christianity the role of women was central. This reflection aims to demonstrate this approach through a three-part approach. In the first, the passage from Luke 7:36-50 and, in the second, an ethical-theological reading will be presented, interpreting the text from a vision that was gradually accepted and imposed itself in the Christian tradition. Finally, the third section will present an important analysis a liberating feminist hermeneutics perspective, highlighting the centrality of the position and role of women in early Christianity. The objective is to propose a theological re-examination of what it meant to be a woman in the context of Jesus and her role in the community called to be a disciple, and to draw inspiration from this to review the relations of power and authority.

Keywords: Forgiveness. Love. Woman. Feminism. Liberation.

Introdução

Há várias hermenêuticas bíblicas a respeito de um determinado texto bíblico. As análises expostas terão como ponto de partida as pesquisas exegéticas já realizadas por outras autoras e autores, a fim de focar o estudo na reflexão feminista e libertadora. Isso porque não se pode olvidar que a tradição resultou em um livro escrito por uma maioria de homens, dentro da percepção deles sobre um Deus, que também, de acordo com essa hermenêutica mais tradicional, seria também um homem.¹

Trata-se de um episódio considerado dos mais difíceis dos Evangelhos Sinóticos, por conjugar os dramatismos dos contrários, como: um fariseu, chamado de Simão; uma pecadora; a hospitalidade e o conflito; intromissão e perdão; silêncios e revelações,² e ainda, conforme nos afirma Perondi e Farias:

¹ WISCH, T. L., BEZERRA DE SOUZA, C., Revirando o guarda-roupa, p. 73.

² MENDONÇA, J. T., A construção de Jesus, p. 85.

O relato da pecadora perdoada em Lucas 7,36-50 está ambientado na terceira parte do terceiro Evangelho (4,14–9,50), no qual Lucas relata o ministério de Jesus na Galileia. Depois do discurso inaugural na sinagoga de Nazaré (4,14ss), Jesus vai para Cafarnaum (4,31), local em que realiza os primeiros milagres, escolhe os primeiros discípulos e proclama o “sermão da planície” (6,17ss). Lucas ambienta a perícopie estudada no capítulo 7, precedida por três relatos importantes: uma ação benéfica de Jesus em favor do servo do centurião romano, um estrangeiro (7,1-10); a reanimação do filho da viúva de Naim (7,11-17); e a resposta de Jesus aos enviados de João Batista (7,18-35).³

Feitas essas considerações, procura-se enfatizar a questão do perdão e do amor no trecho de Lc 7,36-50, por meio da atitude de Jesus e da mulher como protagonista da cena, que, embora sem nome e sem dizer uma palavra, demonstra, por meio de suas atitudes, a busca pelo perdão e o imenso amor por Jesus.

Ainda, diante das perspectivas dos personagens, é possível compreender e identificar as questões que afetam o ser humano e a necessidade de reconhecer que os ensinamentos de Jesus também estão relacionados à questão de gênero, pois ressaltam a não distinção de tratamento entre homens e mulheres, mas os gestos e atitudes de cada um e a consequente misericórdia de Deus.

A análise visa, também, demonstrar que uma hermenêutica em perspectiva feminista é muito importante para compreender esse texto e a mensagem que ele nos traz, como uma forma de reconstrução da história sobre as mulheres, o silenciamento sofrido ao longo dos anos diante da postura androcêntrica e a busca por um discipulado de iguais, devidamente reconhecido por Jesus.

1. Análise do texto a respeito do perdão e do amor (Lucas 7,36-50)

Inicialmente, há que se consignar que a cena narrada no texto em questão descreve três personagens (versículos 36-38): o *fariseu*, *Jesus* e a *mulher pecadora*, sendo que, no interior da narrativa, encontramos ainda uma parábola, também configurada por três personagens.⁴

É importante considerar ainda que o episódio é conhecido como o texto da “Mulher Pecadora”. Logo, é atribuído à mulher, à qual não se concede um nome, um substantivo carregado de carga negativa, por refletir uma “mulher” com imperfeições morais e, portanto, “pecadora”.

³ PERONDI, I.; FARIAS, S. R., Uma mulher acolhida e perdoada por Jesus: um estudo de Lc 7,36-50, p. 56.

⁴ ALVES, D. C., O discipulado de iguais na perícopie bíblica, p. 25.

Entretanto, como defende Wisch e Souza, é preciso levar em conta que o texto dá ênfase à dimensão do perdão que Jesus concede à mulher, gerando amor, de modo que o destaque não está no pecado.⁵

De fato, tal definição é mais adequada e se coaduna com a cena narrada em Lucas 7,36-50, evidenciando, assim, o início de uma nova perspectiva sobre o texto, perfeitamente cabível e ajustada.

Lucas 7,36-50 narra o encontro da mulher com Jesus, descrevendo que *Um fariseu o convidou para comer com ele. Jesus entrou na casa do fariseu e se recostou à mesa* (Lc 7,36). Denota-se, assim, tratar-se de um momento formal em que as pessoas se recostavam à mesa para realizar as refeições. Essa posição de “recostar à mesa” significa que as pessoas se recostavam no chão sobre um lado do corpo e mantinham as pernas estiradas em direção contrária à mesa, o que permitia que tivessem acesso aos pés de Jesus, sem que os demais fossem incomodados (Lc 7,36).

Chama bastante atenção que, para esse banquete, para o qual Jesus foi convidado pelo fariseu, a entrada da mulher, que não fora convidada, e a atitude de Jesus para com ela⁶ impactam a reflexão. Ao iniciar o protagonismo na cena (versículo 37), a atitude dela de entrar e dobrar-se aos pés de Jesus pareceu muito inadequada e intransigente para a mentalidade puritana dos fariseus.⁷ Afinal, o texto enfatiza justamente que se trata de uma “pecadora”, contudo, não descreve qual o seu pecado.⁸

Anote-se, ainda, que os *jantares e refeições à mesa eram espaços de domínio masculino*,⁹ ressaltando o texto que se trata da casa de “um fariseu”, os quais compunham um grupo judaico muito respeitado na comunidade,¹⁰ caracterizado, fundamentalmente, *pela observância e cumprimento rigoroso das Escrituras Sagradas*,¹¹ sobretudo de *prescrições de pureza religiosa e social*,¹² o que fazia com que muitas vezes fossem percebidos como “santos e separados” por seguirem rigorosamente a Torá, e não mantinham relações próximas com quem não o fazia ou era considerado impuro, como judeus e gentios.¹³

O texto, em seus versículos 37 e 38, continua narrando, agora, a figura da mulher e sua atitude perante Jesus: *Nisso, uma mulher que vivia na cidade, uma pecadora, ao saber que ele estava à mesa na casa do fariseu, trouxe um alabastro de perfume, colocou-se detrás dele, a seus pés, chorando, e começou a banhar os pés dele com as*

⁵ WISCH, T. L., BEZERRA DE SOUZA, C., Revirando o guarda-roupa, p. 77.

⁶ PEREIRA, R. V. de S., Jesus e a pecadora, p. 224.

⁷ PEREIRA, R. V. de S., Jesus e a pecadora, p. 234.

⁸ VILAS BOAS, S. de S., Amor que salva, p. 29.

⁹ WISCH, T. L., BEZERRA DE SOUZA, C., Revirando o guarda-roupa, p. 77.

¹⁰ WISCH, T. L., BEZERRA DE SOUZA, C., Revirando o guarda-roupa, p. 78.

¹¹ WISCH, T. L., BEZERRA DE SOUZA, C., Revirando o guarda-roupa, p. 78.

¹² WISCH, T. L., BEZERRA DE SOUZA, C., Revirando o guarda-roupa, p. 78.

¹³ WISCH, T. L., BEZERRA DE SOUZA, C., Revirando o guarda-roupa, p. 78.

lágrimas; secava-os com seus cabelos, cobria-os de beijos e ungia-os com o perfume. (grifo nosso).

Consoante se verifica do texto, a mulher não pronuncia nenhuma palavra, apenas expressa gestos de humildade aos pés de Jesus, como expressão de ternura, de amor e de reconhecimento, sem nenhum sentido erótico, mas sim discipular.¹⁴

Entretanto, Wisch e Silva enfatizam que a ação de lavar os pés de Jesus e enxugá-los com os cabelos (versículos 38 e 44) tem conotação sexual, reduzindo sua figura a uma classificação sexual em uma sociedade patriarcal, como a relatada no texto, e é considerada uma *ação imoral para a época, visto que desnudar e soltar os cabelos ou deixá-los soltos à mostra eram ações que mulheres só podiam fazer na presença de seu marido*¹⁵.

Cumprido salientar, também, que o choro é a primeira e mais primitiva forma de comunicação humana, e comunica emoção pungente,¹⁶ perfeitamente compreensível naquele contexto em que se encontrava a personagem. Não é possível se depreender, pelo texto, como já foi dito, qual o pecado da mulher, mas se ela “vivia” na cidade ou “estava” na cidade, a depender da tradução do termo polissêmico *eimi* que aparece no texto, seria uma mulher que infringia *os códigos de pureza religiosos ou sociais exigidos para a localidade*,¹⁷ a apontar que o “pecado” *dela poderia ser de cunho espiritual, religioso ou de algo específico daquela cidade ou religião*.¹⁸

Há quem entenda que a palavra *hamartolon* (pecadora) se refere à mulher prostituta, e há quem discorde sustentando que, se fosse esse o caso, teria sido usado o termo “pórne”.¹⁹ Apesar das considerações, chama a atenção a intensidade dos gestos dela com seus beijos e seu choro, que é capaz de banhar os pés de Jesus com lágrimas, e Wisch e Silva nos afirmam que essa atitude,

de chorar, molhar os pés de Jesus com suas lágrimas, beijar-lhe os pés, enxugar com seus cabelos e ungi-los com um perfume dentro do espaço em que se encontrava²⁰ (casa de um fariseu), e sabendo da possibilidade de julgamento que poderia vir a ter, anunciam a humildade, necessidade e gratidão para com Jesus e da sua busca por uma mudança da condição social.²¹

¹⁴ PEREIRA, R. V. de S., Jesus e a pecadora, p. 237.

¹⁵ WISCH, T. L., BEZERRA DE SOUZA, C., Revirando o guarda-roupa, p. 78.

¹⁶ MUNIZ, G. D. de O., Lucas 7.36-50, p. 29-30.

¹⁷ WISCH, T. L., BEZERRA DE SOUZA, C., Revirando o guarda-roupa, p. 78.

¹⁸ WISCH, T. L., BEZERRA DE SOUZA, C., Revirando o guarda-roupa, p. 78.

¹⁹ WISCH, T. L., BEZERRA DE SOUZA, C., Revirando o guarda-roupa, p. 78.

²⁰ WISCH, T. L., BEZERRA DE SOUZA, C., Revirando o guarda-roupa, p. 80.

²¹ WISCH, T. L., BEZERRA DE SOUZA, C., Revirando o guarda-roupa, p. 80.

A narrativa ressalta, portanto, a conduta difícil e arriscada da mulher que, além de demonstrar sentimentos pessoais, ainda demonstra ruptura com as normas rígidas de costumes da época, uma vez que ela “entra na casa de um fariseu, beija e toca os pés do hóspede, e o faz de uma maneira íntima e erótica, soltando seus cabelos e se colocando em um espaço socialmente importante, deixando-se exposta para a humilhação e desprezo por parte dos homens.”²² Assim, são as atitudes marcantes da mulher que direcionam a reflexão do texto, pois ela atua sabendo de sua fama e condição e, assim, assume o julgamento e o desprezo dos homens, mas, mesmo assim, continua agindo, enfrentando a difícil situação e demonstrando não ter vergonha de sua condição, o que, naquele contexto social, era totalmente desfavorável por ser uma mulher.²³

E assim prossegue o texto no versículo 39, descrevendo, desse modo, a reação do fariseu diante da ação da mulher e da conduta de Jesus: *Vendo isso, o fariseu que o tinha convidado pensou: “Este, se fosse profeta, saberia quem é e que tipo de mulher está tocando nele: uma pecadora”*. Trata-se da narração do pensamento do fariseu, que duvida da condição de Jesus como “profeta”, mas que é interpelado por Jesus (v. 40): *Tomando a palavra, Jesus lhe disse: “Simão, tenho algo para te dizer”*. *Ele respondeu: “Fala Mestre”*, em um movimento em que Jesus denota sua autoridade e é assim reconhecido pelo fariseu com sua resposta -“Mestre”.

Jesus então inicia contando-lhe uma parábola (versículos 41-42): *Um credor tinha dois devedores: um devia quinhentos denários e o outro cinquenta. Como não tivessem com o que pagar, perdoou a ambos. Qual deles, portanto, o amará mais?*. A essa pergunta de Jesus, Simão lhe respondeu (versículo 43): *“Penso que aquele ao qual perdoou mais”*, seguindo-se a resposta de Jesus: *“Julgaste corretamente”*.

O exemplo dado por Jesus se enquadra no contexto socioeconômico do mundo judaico e helênico antigo, de desigualdade e de relação de credor-devedor, no qual o perdão concedido aos devedores que não tinham como saldar as dívidas impunha-lhes uma sanção penal de prisão, confisco de bens ou dependência servil deles e de sua família, mas que é subvertido por Jesus.²⁴

Diante desse cenário, Jesus inicia uma comparação entre Simão (o fariseu) e a mulher (versículo 44): *E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: “Vês esta mulher? Eu entrei em tua casa e não me ofereceste água para os pés; ela, no entanto, banhou meus pés com suas lágrimas e os secou com seus cabelos”*. E prossegue (versículos 45-46): *“Tu não me beijaste; ela, no entanto, desde que entrei não deixou de beijar meus pés. Tu não derramaste óleo em minha cabeça; ela, no entanto, derramou perfume em meus pés”*.

²² WISCH, T. L., BEZERRA DE SOUZA, C., Revirando o guarda-roupa, p. 80.

²³ WISCH, T. L., BEZERRA DE SOUZA, C., Revirando o guarda-roupa, p. 80.

²⁴ VILAS BOAS, S.de S., O amor que salva: uma leitura de Lc 7,36-50, 2017, p. 31.

Jesus chama a atenção para que o fariseu veja aquela mulher, pois se trata de um ser humano invisibilizado socialmente e que, naquele momento, só se viam seus pecados, e não sua pessoa, que estava a demonstrar emoção, constrição e amor. Além disso, Jesus faz uma comparação entre o respeitável fariseu e a mulher desprezada, aprovando a conduta dela e, implicitamente, reprovando a do fariseu.²⁵

Então, a partir do versículo 47²⁶, inicia-se o ensinamento de Jesus com o anúncio do perdão: *Por isso, eu te digo: seus muitos pecados lhe foram perdoados, como se deduz pelo muito amor que demonstrou. Aquele, porém, a quem pouco lhe é perdoado, pouco amor demonstra* (Lc 7,47). E continua: *E a ela disse: “Teus pecados foram perdoados”* (Lc 7,48). Segue-se, com tal afirmação, o assombro dos comensais presentes²⁷, que questionam aquele que perdoa pecados: *Os que estavam à mesa com ele começaram a pensar: “Quem é este que até perdoa pecados?”* (Lc 7,49). E, assim, finaliza: *Mas Jesus disse à mulher: “Tua fé te salvou; vai em paz”* (Lc 7,50).

Constata-se da narrativa que a atitude de Jesus é paradigmática, pois, por meio de uma parábola, Ele corrige o fariseu e legitima a ação da mulher. Demonstra a aceitação do amor com termo grego *ágape*, não profere julgamentos morais e defende aquela mulher colocando o perdão no centro da temática da narrativa. Jesus vê aquela mulher perdoada em sua completude, e como uma igual.²⁸ Será necessário compreender a teologia presente no texto com seu respectivo *ethos* para se captar a lógica de poder e autoridade presente na perícope.

2. Reflexão ético-teológica

Este relato de Lucas 7,36-50 é uma pequena obra-prima da arte narrativa lucana a serviço de um tema muito caro ao evangelista: Jesus acolhe e perdoa os pecadores, exposto de forma delicada, sobretudo porque a protagonista é uma mulher: uma pecadora conhecida na cidade. A moldura é o diálogo convivial bem conhecido na tradição literária grega. Jesus é hóspede de honra de um fariseu. Também este é um

²⁵ CONTI, C., El amor como práxis, p. 68.

²⁶ Vilas Boas faz uma observação que não pode deixar de ser mencionada: “Importa, ainda, realçar uma particularidade da narrativa quando comparados os termos traduzíveis por “perdão”, presentes nos vv. 42-47. No v. 42, Lucas utiliza o termo *χαρίζομαι* que, literalmente, significa “fazer benevolência”, “doar totalmente”, “dar com amor”, sendo este o sentido do perdão concedido aos dois devedores da parábola de Jesus. No entanto, o perdão concedido à mulher pecadora, narrado no v. 47, é traduzido pelo verbo *ἀφίημι*, literalmente, “resgatar”, “salvar”, “afastar de”. Resgatar não é o mesmo que perdoar.” VILAS BOAS, S. de S., O amor que salva, p. 32.

²⁷ CONTI, C., El amor como práxis, p. 69.

²⁸ WISCH, T. L., BEZERRA DE SOUZA, C., Revirando o guarda-roupa, p. 81.

traço característico de Lucas (Lc 11,37 e 14,1). Assim os protagonistas são cuidadosamente apresentados.²⁹

Lucas apresenta Jesus como o portador da salvação e da misericórdia, principalmente aos pecadores e excluídos, que assume uma “pedagogia da inclusão”,³⁰ e que busca restaurar as pessoas, devolvendo-lhes a dignidade. É o médico de corpos e de almas que procura sanar as feridas das pessoas e inseri-las no projeto do Reino, por isso o evangelista procura enfatizar ações misericordiosas e acolhedoras de Jesus em favor das pessoas marginalizadas da sua época.³¹

Em Lucas, Jesus aparece dando grande atenção às figuras femininas. Não é sem razão que se diz que Lucas é o evangelista das mulheres. De fato, mais do que os demais, ele apresenta Jesus intimamente relacionado a elas. Por diversas vezes, Ele sai em sua defesa curando, perdoadando, deixando-se tocar, beijar, ungi. Elas o seguem, o bendizem, o amam, o escutam e o servem. Além das narrativas sobre as mulheres, Lucas as inclui em discursos em que os demais evangelistas silenciam. Acrescenta o vocábulo *gyne* – (mulher), utilizado de modo genérico para designar a condição feminina em contraposição à masculina. Em Lucas é empregado quarenta e uma vezes.³²

Do ponto de vista teológico, o evangelista Lucas pretende destacar o papel da mulher na história da salvação. Ele é o único que narra a perícopes sobre a mulher pecadora nesta refeição, que deve ter conhecido entre os relatos da tradição oral do cristianismo primitivo. Essa transmissão oral provavelmente explica as semelhanças com outros textos presentes em outras passagens evangélicas, tais como Mc 14,3-9; Mt 26,6-13; Jo 12,1-7.³³

Desse texto em análise (Lc 7,36-50), emerge uma cristologia centrada na misericórdia, na inclusão e no empoderamento dos excluídos. Jesus é apresentado como Aquele que cura, acolhe, compreende, perdoa, liberta, reintegra e salva. O Reino de Deus, inaugurado por Jesus, em sua pregação da Boa Nova, questiona a estruturação de poder e faz transparecer o rosto feminino do cuidado de Deus pelos seus filhos. Esse texto é uma eloquente manifestação silenciosa do incômodo desta mulher no ambiente patriarcal e a integração, da parte de Jesus, da interpelação feminina. Na cena tão polêmica em que a “pecadora” se prostra aos pés de Jesus, banha-lhe os pés, enxuga-os com os cabelos, cobre-os de beijos e unge-os com o perfume, o messianismo de Jesus é colocado em questão.³⁴ É nesse contexto de conflitos de poder que Jesus se dirige a ela com a frase “Tua fé te salvou; vai em paz”.

²⁹ FABRIS, R.; MAGGIONI, B., Os Evangelhos II, p. 87-88.

³⁰ MAZZAROLO, I., Lucas, p. 14.

³¹ PERONDI, I.; FARIAS, S. R., Uma mulher acolhida e perdoada por Jesus, p. 55-56.

³² PETRY, Z. L., O papel da mulher em Lucas, p. 15-23.

³³ STUHLMUELLER, C., Evangelho de Lucas, p. 106-107.

³⁴ PETRY, Z. L., As mulheres, p. 44-51.

Essa mulher sem nome faz teologia e, pela atitude profética, questiona a teologia oficial centrada na exclusão e no silenciamento da força feminina³⁵. A sua teologia não é a do discurso, mas a da atitude, do agir, do incômodo gerado pela inversão sociorreligiosa no ambiente patriarcal machista, ultrapassando limites e manifestando sua busca por salvação no encontro com Jesus nesse ambiente, na casa de um fariseu. Sua presença no banquete é marcada pelo silêncio, contudo encontra em Jesus um acolhimento escandaloso.

O desfecho do relato se dá quando Jesus ignora o fariseu e dirige-se exclusivamente à mulher: “Tua fé te salvou; vai em paz” (Lc 7,50). Com certeza, Jesus percebeu a inquietude dela, sabia de sua busca pela paz em seu coração. A mulher é liberada e pode sair justificada, enquanto o fariseu permanece em seu seguimento escrupuloso da lei, na qual não cabe a misericórdia e o amor. Ao compadecer-se e valorizar a atitude da mulher, Jesus estabelece a distância imensa que existe entre a prática fidedigna da Lei, exigida pelos fariseus, e o exercício da misericórdia e do amor diante das pessoas marginalizadas. Jesus abre uma nova perspectiva de acolhimento para que a mulher também possa participar da experiência da novidade do Reino. A lição é que Deus não se comove nem com o cumprimento mais rigoroso da lei, nem com as privações, nem com a “separação” em que viviam os piedosos fariseus, nem com o fato de se sentirem bons. Só o amor e o reconhecimento interior da sua condição de pecador podem atrair a misericórdia e o perdão de Deus.³⁶

Segundo Pagola, o olhar de Jesus é totalmente diferente de Simão e do conjunto dos fariseus. Naquele comportamento, que tanto escandaliza o “moralista” Simão, ele só vê o amor e a imensa gratidão de uma mulher que se sabe amada e perdoada por Deus. Por isso, deixa-se tocar e amar por ela. Oferece-lhe o perdão de Deus, ajuda-a a descobrir dentro de si mesma uma fé que a está salvando e a anima a viver em paz³⁷.

Nessa atitude profética e corajosa da mulher e de Jesus, há uma questão teológica de fundo que aparece na perspectiva lucana e interpela as comunidades cristãs atualmente. O episódio evangélico não ilustra uma teoria abstrata sobre o perdão, mas indica quais os caminhos que a salvação de Deus percorre quando adota feições humanas. É também uma denúncia decidida da ilusão farisaica, de quem esquece que é pecador porque pode se confrontar com outros que ele julga piores do que ele, ou porque goza de boa reputação e posição social.³⁸

Assim, o poder e a autoridade da mulher na perícope lucana está repleta de significados questionadores aos cristãos de hoje. O modo como Jesus e a mulher exercem tanto o poder como a autoridade incomoda os interlocutores do relato. Para

³⁵ FRIGERIO, T., A mulher faz teologia, p. 79-90.

³⁶ PERONDI, I.; FARIAS, S. R., Uma mulher acolhida e perdoada por Jesus, p. 60.

³⁷ PAGOLA, J. A., O caminho aberto por Jesus, p. 141.

³⁸ FABRIS, R.; MAGGIONI, B., Os Evangelhos II, p. 88-89.

Jesus, a pessoa é mais importante do que os seus próprios erros. Aquela mulher não era somente uma pecadora, mas um ser humano, uma filha de Deus. A mulher, tão desvalorizada no tempo de Jesus, era considerada em tudo inferior ao homem. Mas e hoje, na nossa realidade, qual o “papel” da mulher na sociedade e na Igreja? Quais os tipos de discriminação que ainda persistem? A situação atual da mulher ainda é muito complexa, já que existem alguns grupos sociais e religiosos que ainda a colocam em condição de inferioridade, onde ela é oprimida e marginalizada.³⁹ Desse modo, o enfoque feminista da libertação, na leitura desta perícopes, permite perceber as várias camadas literárias e a mensagem do contexto de época com suas contradições na relação humana e os jogos de poder expressos na comunidade eclesial.

3. Importância da reflexão em chave hermenêutica feminista da libertação

Muito embora o perdão seja o principal destaque do relato, para uma análise hermenêutica feminista, o tema mais importante do trecho em estudo é a questão da igualdade de gênero que se evidencia no tratamento que Jesus dá ao fariseu e à mulher, pois Ele não faz distinção entre eles, conforme pressuposto descrito em Gálatas 3,28, ressaltando que as evidências distintivas ressaltadas pela sociedade não encontram respaldo para Deus,⁴⁰ que não faz distinção entre pessoas humanas.

O feminismo, caracterizado como um movimento que visa estabelecer essa igualdade de gêneros entre homem e mulher, com a consequente libertação dos padrões androcêntricos e patriarcais,⁴¹ mostra-se como via, ou instrumento possível de abertura para uma hermenêutica feminista da libertação, rumo a um “discipulado de iguais”, conforme defende Elisabeth Schüssler Fiorenza, que utiliza esse termo por considerá-lo favorável à igual oportunidade de mulheres e homens de seguirem como discípulos os passos de Jesus.⁴² Sendo assim, é preciso uma reflexão crítica sobre a experiência de opressão da mulher e sobre sua luta pela libertação, a teologia feminista, conforme a mencionada autora, é, assim, uma “teologia crítica da libertação”.⁴³

Além disso, a perspectiva feminista torna-se um instrumento para a hermenêutica bíblica em que se pretende, por meio da reconstrução histórica e contextual, evidenciar existência e visibilidade, traçando novos significados mais autênticos e justos. Portanto, por meio da hermenêutica bíblica feminista, será possível compreender a ausência histórica das mulheres, silenciadas pelo modelo androcêntrico

³⁹ PERONDI, I.; FARIAS, S. R., Uma mulher acolhida e perdoada por Jesus, p. 61.

⁴⁰ CONTI, C., El Amor como práxis, p. 69.

⁴¹ ALVES, D. do C., O discipulado de iguais na perícopes bíblica, p. 25.

⁴² FIORENZA, E. S., Discipulado de iguais, p. 18.

⁴³ FIORENZA, E. S., Discipulado de iguais, p. 153.

e a partir daí propor novos caminhos para reescrever ou ao menos ressignificar sua história.⁴⁴

Assim, partindo dessa hermenêutica, constata-se que a questão da igualdade de gênero também está presente nos ensinamentos de Jesus e que, portanto, deve ser observado pelos cristãos que, mesmo diante desse claro ensinamento, continuam a fazer distinção entre homens e mulheres, com tratamento desigual, relegando às mulheres papéis secundários e insistindo na sua subordinação, que não foi adotada por Jesus, conforme se verifica na narrativa de Lucas 7,36-50.

Alves, ao citar Mazzarolo (2004), assevera que, para o mencionado autor, a sociedade ainda sacrifica as mulheres no serviço doméstico, com salários menores e maiores cobranças e responsabilidades, que o tratamento dispensado por Jesus às mulheres que o seguiam revela que Ele as queria como discípulas (Lc 8,1-3) e que o autor ainda indaga: “Se Deus não faz distinção de pessoas (Dt 10,17; Gl 3,28; Rm 3,22; 10,12; cf. At 10,34) é justificável que a comunidade possa fazê-lo?”.⁴⁵

A postura de Jesus, consoante se depreende da narrativa, revela traços característicos do discipulado de iguais⁴⁶ e, ao citar a reflexão de Ivenise Santinon, em parceria com Edélcio Ottaviani e Lucy Mariotti, no livro, *Discipulado de Iguais*,⁴⁷ Dorcelina do Carmo Alves ressalta que a própria pecadora teve respeito, acolhimento, misericórdia, compaixão e perdão, tendo Jesus, assim, rompido as estruturas opressoras vigentes.⁴⁸ Tendo em vista essa postura de Jesus, Alves assevera que,

Ele rompe com esses privilégios e acolhe sem discriminação homens e mulheres na sua comunidade de seguidores. Inaugura, portanto, a práxis libertadora pautada pelo diálogo, pelo respeito e pelo reconhecimento da alteridade da outra e do outro. [...] ... para ele, homens e mulheres têm igual dignidade pessoal⁴⁹.

Afirma Conti que Jesus deixou bem claro que a aprovação de Deus não passa pelo prestígio social e religioso, nem mesmo pelo gênero, mas pela fé que age no amor, de modo que o Amor é o mais importante para Deus.⁵⁰ Dessa maneira, o discipulado de iguais pode e deve ser restabelecido, assim como fez Jesus no encontro com a mulher pecadora e sem identidade no evangelho de Lucas (7,36-50).⁵¹

⁴⁴ MARTINS, M. A., A relação de Jesus com a mulheres na perspectiva de Lucas 7,36-50, p. 45.

⁴⁵ ALVES, D. do C., O discipulado de iguais na perícope bíblica, p. 28.

⁴⁶ ALVES, D. do C., O discipulado de iguais na perícope bíblica, p. 28.

⁴⁷ SANTINON, I.; MARIOTTI, L.; OTTAVIANI, E., *Discipulado de Iguais*.

⁴⁸ ALVES, D. do C., O discipulado de iguais na perícope bíblica, p. 28.

⁴⁹ ALVES, D. do C., O discipulado de iguais na perícope bíblica, p. 29.

⁵⁰ CONTI, C., *El Amor como práxis*, p. 70.

⁵¹ ALVES, D. do C., O discipulado de iguais na perícope bíblica, p. 31.

Portanto, ao enfatizar a questão da mulher a partir do tema da igualdade de gênero no texto em estudo, procura-se trazer uma hermenêutica feminista que busca, de certa forma, “reescrever” o texto e, conseqüentemente, evidenciar o papel da mulher no movimento cristão primitivo como protagonista das inúmeras histórias e teologias que possam ser extraídas do trecho.

Conforme ressalta Fiorenza, Jesus e seus primeiros seguidores “rejeitavam as leis de pureza da religião judaica, atraíam os parias da sociedade” e eram um grupo inclusivo, conforme expressa o texto em Gálatas 3,28, em que todos são iguais em Cristo.⁵² Desse modo, o texto de Lucas 7,36-50 expressa o ensinamento de Jesus e as ações desse grupo, por meio da mulher tida como pecadora. Esse movimento, por conseqüência, dá testemunho a ser seguido pelos cristãos, sobretudo atualmente. Contudo, essa nova visão exige uma análise, uma perspectiva hermenêutica feminista crítica e, portanto, libertadora.

Não se pretende, com essa afirmação, desconsiderar a importância do perdão, mas mostrar que para Jesus a pessoa humana é mais importante do que seu pecado, e que a atitude da mulher, igualmente considerada em relação ao homem “fariseu”, demonstrou grande amor, coragem e mudança de postura, necessários para superar o pecado e seguir no discipulado de iguais.

Conclusão

O texto em análise *apresenta a misericórdia de Jesus para com a mulher que é chamada de “pecadora”,*⁵³ que ingressa na casa de um fariseu para a qual Jesus foi convidado para jantar, trazendo consigo um vaso de perfume, visando se aproximar dele e de tocá-lo *mesmo sabendo da sua condição impura,*⁵⁴ mas com a certeza de sua capacidade de acolhê-la e de aceitá-la e, ainda, conforme nos afirma Perondi e Farias, *de fato, Jesus aceita que essa mulher demonstre seus sentimentos, deixando-se ser tocado por ela, o que era inconcebível e escandaloso para os fariseus.*⁵⁵ sem qualquer preocupação com eventual julgamento das pessoas.⁵⁶ A conduta de Jesus e da mulher norteiam seu ensinamento do amor, de arrependimento e humildade.⁵⁷

Além disso, fica clara a distinção entre a capacidade de amar do fariseu, considerado justo, e da mulher que, *mesmo ciente de seus erros, sentiu-se amada,*

⁵² FIORENZA, E. S., O papel da mulher no movimento cristão primitivo, p. 9-10.

⁵³ PERONDI, I.; FARIAS, S. R., Uma mulher acolhida e perdoada por Jesus, p. 59.

⁵⁴ PERONDI, I.; FARIAS, S. R., Uma mulher acolhida e perdoada por Jesus, p. 60.

⁵⁵ PERONDI, I.; FARIAS, S. R., Uma mulher acolhida e perdoada por Jesu, p. 60.

⁵⁶ PERONDI, I.; FARIAS, S. R., Uma mulher acolhida e perdoada por Jesus, p. 60.

⁵⁷ PERONDI, I.; FARIAS, S. R., Uma mulher acolhida e perdoada por Jesus.

*acolhida e respeitada por Jesus. Sua dignidade pessoal foi devolvida, bem como a possibilidade de recomeçar uma nova vida.*⁵⁸

Ela cumpriu para com Jesus gestos extraordinários de acolhimento e de veneração, dos quais julgou-se dispensado o bem-comportado fariseu. Ela pode ser considerada como alguém que renasceu pela fé,⁵⁹ correndo o risco de ser novamente ignorada e excluída, principalmente porque incomodou os homens do relato, empoderando-se e interpelando a autoridade de Jesus dentro do contexto farisaico.

Este relato toca o problema das relações humanas, principalmente a assimétrica condição da mulher num modelo de sociedade machista e patriarcal. É claro que, embora o texto necessite de um juízo dentro do seu contexto, não se pode negar que ele lança luzes para a situação contemporânea das relações de gênero e da condição da mulher, a violência e o feminicídio, principalmente no Brasil, um país em que os índices de violência contra a mulher crescem assustadoramente.⁶⁰ Essa narrativa, ao mesmo tempo em que lança luz para o exercício da autoridade e poder nas relações de gênero, também revela que já no cristianismo primitivo nem sempre era fácil a busca por uma igualdade dentro de uma comunidade que se reunia diante de Jesus.

Embora o texto seja um paradigma de uma experiência particular, lida sempre em ambiente litúrgico-religioso, oferece-nos também uma referência de tratamento na relação com as pessoas em sua singularidade para além da esfera particular religiosa. A mensagem da perícopé é um convite radical para a conscientização e o aprendizado contra o preconceito. Supõe a capacidade de acolhida do diverso, a escuta recíproca, a tolerância em lidar com o diferente e resistência a todo tipo de situação que segregue e exclua o próximo. A questão da violência de gênero, sobretudo contra as mulheres, é uma chaga social histórica a ser erradicada. Contudo, antes disso, é necessário conhecer em profundidade as várias camadas estruturais de violência presentes nos grupos que a promovem. O texto de Lc 7,36-50 é pedagógico e ético ao mesmo tempo. A trama literária presente na narrativa lucana está cheia de elementos que tocam a consciência do leitor para a responsabilidade e o cuidado para com o próximo, principalmente os mais vulneráveis.

Assim, o trecho de Lc 7,36-50 é um paradigma de como se deve lutar contra todo tipo de discriminação, desigualdade e violência de gênero. Ele acena para a longa representação mental que influenciou simbolicamente e sociologicamente a forma como se lida com a diferença e a inclusão, com igualdade de direitos e valores éticos. Por mais que tenhamos vivido avanços no campo da sexualidade, vivemos ainda numa sociedade em que a intolerância, a resistência quanto ao reconhecimento e à valorização

⁵⁸ PERONDI, I.; FARIAS, S. R., Uma mulher acolhida e perdoada por Jesus, p. 60.

⁵⁹ HOEFELMANN, V., A mulher que renasceu pela fé, p. 38-45.

⁶⁰ LOPES, R., Feminicídio fez mais de mil vítimas por ano no Brasil desde 2015.

das diferentes expressões da sexualidade e a violência de gênero podem ser observadas cotidianamente no ambiente profissional, doméstico, midiático e religioso. O texto pode ser interpretado segundo o condicionamento de quem possui o poder da palavra e da interpretação.

Concluímos indicando que o texto, a partir de uma perspectiva hermenêutica feminista crítica, possui um grande potencial de mudança de mentalidade e de comportamentos, ou seja, de libertação, nas comunidades eclesiais que bebem do espírito do amor de Jesus de Nazaré.

Referências bibliográficas

A BÍBLIA. Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2015.

ALVES, Dorcelina do Carmo. O discipulado de iguais na perícopre bíblica: a pecadora do Evangelho de Lucas. **Revista Teopraxis**, v. 40, n. 135, p. 22-32, 2023. Disponível em: <<https://revista.itepa.com.br/index.php/teopraxis/article/view/184>>. Acesso em: 23 mar. 2025. DOI: 10.52451/teopraxis.v40i135.184.

CONTI, Cristina. El amor como práxis. Estudio de Lucas 7,36-50. **RIBLA – Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana**, v. 44, n. 1, p. 53-70, 2003.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos II: Lucas e João**. São Paulo: Loyola, 2010.

FIorenza, Elisabeth Schüssler. O papel da mulher no movimento cristão primitivo. **Revista Concilium – Sociologia da Religião**, v. 111, n. 1, p. 6-17, 1976.

FIorenza, Elisabeth Schüssler. **Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação**. Tradução: Yolanda Steidel Toledo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FRIGERIO, Tea. **A mulher faz teologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. (Estudos Bíblicos, 29).

HOEFELMANN, Verner. **A mulher que renasceu pela fé: Lucas 8,43-48**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Estudos Bíblicos, 47).

LOPES, Raquel. **Feminicídio fez mais de mil vítimas por ano no Brasil desde 2015**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2025/03/feminicidio-fez-mais-de-mil-vitimas-por-ano-no-brasil-desde-2015.shtml>>. Acesso em: 23 mar. 2025.

MARTINS, Marques Alves. **A relação de Jesus com as mulheres na perspectiva de Lucas 7,36-50**. Goiânia, 2014. 60p. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Faculdade de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/887>>. Acesso em: 03 mar. 2025.

MAZZAROLO, Isidoro. **Lucas em João**: uma nova leitura dos evangelhos. 2.ed. revisada e corrigida. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2004.

MENDONÇA, José Tolentino. A construção de Jesus: uma leitura narrativa de Lc 7, 36-50. **Didaskalia**, v. 36, n. 1, p. 85-93, 1 jan. 2006.

MORACHO, Félix. **Como ler os Evangelhos**: para entender o que Jesus fazia e dizia. 6ª ed. São Paulo: Paulus, 2006.

MUNIZ, Gabriela Dias de Oliveira Muniz. **Lucas 7.36-50**: A pecadora que mais O ama. São Bernardo do Campo, 2020. 62p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Faculdade de Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/688841258/GabrielaMuniz2-1>>. Acesso: 13 jan. 2025.

PAGOLA, José A. **O caminho aberto por Jesus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PEREIRA, Rodrigo Victor de Souza. Jesus e a pecadora. Um aspecto da misericórdia na abordagem lucana. Considerações sobre o texto de Lc 7, 36-50. **Território Acadêmico**, n. 02, p. 219-243, 2019.

PERONDI, Ildo; FARIAS, Solange Rezino. Uma mulher acolhida e perdoada por Jesus: um estudo de Lc 7,36-50. **Caderno Teológico da PUCPR**, v. 4, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/cadernoteologico/article/view/25954>>. Acesso em: 8 set. 2024.

PETRY, Zenilda L. **As mulheres**: testemunhas do Reino. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. (Estudos Bíblicos, 30).

PETRY, Zenilda L. **O papel da mulher em Lucas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Estudos Bíblicos, 47).

SANTINON, Ivenise; MARIOTTI, Lucy; OTTAVIANI, Edelcio. **Discipulado de Iguais**. 1. ed. Série Igreja em missão. Grupo de Pesquisa José Comblin. Campinas: Editora Saber Criativo, 2023.

STUHLMUELLER, Carrol. **Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1975.

VILAS BOAS, Susana de Sousa. **O amor que salva**: uma leitura de Lc 7,36-50. Braga, 2017. 120p. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa. Disponível em:



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2025v6n11a06

<<https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/22860#:~:text=referenciar%20este%20registro%3A-,http%3A//hdl.handle.net/10400.14/22860,-T%C3%ADtulo%3A%C2%A0>>. Acesso: 05 jan. 2025.

WISCH, Taiana Luisa; BEZERRA DE SOUZA, Carolina. Revirando o guarda-roupa: uma análise hermenêutica feminista a partir de Lucas 7,36-50. **Protestantismo em Revista**, v. 48, n. 1, p. 72–87, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/PR/article/view/2681/2339>. Acesso em: 05 jan. 2025.

André Luiz Boccato de Almeida

Doutor em Teologia Moral pela Pontifícia Universidade Lateranense (Roma)
Professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo / SP, Brasil
E-mail: a.l.boccato@gmail.com

Patricia Carneiro de Paula

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Doutoranda do Programa de Estudos Pós-graduados em Teologia
da Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Curitiba / PR, Brasil
E-mail: patriciacdepaula@gmail.com

Recebido em: 25/05/2025

Aprovado em: 25/06/2025